

Mercado interno dá novo fôlego à indústria têxtil

Vanessa Jurgenfeld
De Florianópolis

O início de 2008 deu sinais de que este poderá ser um ano de boas vendas para a indústria têxtil brasileira, que tentará recuperar-se da ressaca de 2005 e 2006 e de boa parte de 2007, quando o seu desempenho foi fortemente afetado pela valorização do real ante o dólar e pelo consumo fraco no mercado nacional. A maior parte dos empresários mostra-se animada, embalada, sobretudo, pelos números surpreendentes do primeiro trimestre. As projeções para 2008 são de aumento de até 20% no faturamento e de uma retomada dos empregos.

“O ano começou incomparavelmente melhor do que 2007. Normalmente, janeiro e fevereiro são meses muito fracos para a indústria, mas neste ano foram fantásticos. Houve uma ‘euforia Brasil’, com crescimento econômico, aumento do crédito e ou-

Tecido esgarçado

Saldo comercial do setor têxtil brasileiro

Dados	2006	2007
Faturamento da cadeia têxtil e de confecção	US\$ 34,6 bilhões	US\$ 33 bilhões
Volume de exportações	US\$ 2,1 bilhões (FOB)	US\$ 2,4 bilhões (FOB)
Valor médio das exportações	US\$/Kg: 2,86	US\$/Kg: 2,76
País que mais compra do Brasil	Argentina: US\$ 492,6 milhões (FOB)	Argentina: US\$ 529,2 milhões (FOB)
Volume de importações	US\$ 2,1 bilhões (FOB)	US\$ 3 bilhões (FOB)
Valor médio das importações	US\$/Kg: 2,86	US\$/Kg: 3,29
País que mais vende ao Brasil	China: US\$ 607,6 milhões (FOB)	China: US\$ 990,8 milhões (FOB)

Fontes: Ministério do Desenvolvimento, Caged, IBGE e ABIT

tras notícias boas”, destaca Ulrich Kuhn, presidente do Sindicato da Indústria Têxtil de Blumenau e Região (Sintex). As empresas, segundo ele, sentiram aumentos de vendas de 15%, 20% e até 25% sobre mesmo período do ano anterior, com o aquecimento atingindo tanto o setor de vestuário quanto o de cama, mesa e banho. “Nunca teve um humor tão positivo nos últimos três anos.”

Em geral, o setor não se prepara para em 2008 realizar investimen-

tos de vulto em fábricas novas — há capacidade instalada ainda ociosa que pode ser ocupada com o aumento da demanda —, mas pretende otimizar as instalações existentes, investir em tecnologia e poderá ainda aumentar o emprego.

O sindicato que representa os trabalhadores do setor em Blumenau (Sintrafite), um dos principais pólos têxteis do país, entende que a situação do emprego já se mostra muito melhor do que se viu em anos recentes. A boa maré foi gera-

da a partir do segundo semestre de 2007, e principalmente, no setor de vestuário. De acordo com o Caged, do Ministério do Trabalho, em 2007, já houve aumento dos postos criados na indústria têxtil de SC. No total, foram 8.012 novas vagas, o melhor patamar desde 2004, quando 9.238 vagas foram criadas, de acordo com apuração do Dieese-SC.

“O PIB está em crescimento, existe um consumo em escala cres-

cente, além do aumento da renda das classes mais baixas. São todos esses fatores que estão dando otimismo às empresas”, avalia Marcello Stewers, diretor de relações com investidores da Teka, indústria de cama, mesa e banho, com sede em Blumenau. A empresa pretende disputar o cliente com avanço da estratégia já em vigor: redução de custos, investimentos em estrutura de vendas e produção na Ásia, aproveitando-se da situação cambial. Para Stewers, o ano também deverá ser melhor porque a Teka será beneficiada ainda da melhora de produtividade, após investimentos na modernização de sua fiação, realizados no segundo semestre de 2007. O faturamento da empresa, segundo ele, será maior em 2008 do que 2007, mas ele não dá números. Cerca de 20% das vendas são exportação. A receita líquida em 2007 foi de R\$ 300,5 milhões.

Apesar da recente elevação dos juros pelo Banco Central, ocorrida

em abril, na Altenburg também é conservado um clima de otimismo. O diretor financeiro, Dietmar Piske, diz que existem fatores positivos, como o aumento de demanda, que foram sentidos já no primeiro trimestre de 2008, e que devem persistir ao longo do ano. Segundo Piske, houve uma ligeira mudança no mercado com o aumento dos juros, mas a Altenburg segue com a projeção de crescer 20% em 2008 em relação a 2007.

Para João Henrique Marchewsky, presidente da Buettner, o aumento dos juros esfriou o mercado, mas o cenário continua atrativo. A Buettner deverá exportar uma fatia representativa em 2008, cerca de US\$ 15 milhões (foram US\$ 25 milhões em 2007). O cálculo foi feito antes do anúncio de que o Brasil passou a ser grau de investimento, o que pode dificultar um pouco mais a vida do exportador. Por enquanto, a empresa opera no prejuízo. Em 2007, as perdas foram de R\$ 14,8 milhões, para receita líquida de R\$ 133,3 milhões.